



Resenha do livro “Infocracia: Digitalização e a crise da democracia”

Book review “Infocracy: Digitalization and the crisis of democracy”

Livia Coelho Netto Affonso

Graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Pará e Letras pela Universidade do Amazonas, <https://orcid.org/0000-0003-4098-8589>, livia.coelho.netto.affonso@gmail.com

Ariella Cristine Queiroz Moreira

Graduação em Ciências Sociais (cursando) pela Universidade Federal do Pará <https://orcid.org/0009-0003-7721-7953>, ariellacristine123@hotmail.com

Recebido em: 07/07/2023 / Aceito em: 18/07/2023

DOI: 10.12660/rm.v15n24.2023.89734

Resumo

No livro *Infocracia: Digitalização e a crise da democracia* Byung-Chul Han identifica e descreve o atual regime da informação vigente na sociedade. O autor elabora um complexo argumento, em diálogo com autores contemporâneos, a respeito de como o processamento de dados e informações exerce uma dominação social, política e econômica evidente sobre os seres humanos. Com isso, esta resenha pretende elucidar a importância dessa obra para o debate dentro da Filosofia e das Ciências Sociais acerca desse fenômeno específico relacionado à era da digitalização da vida.

Palavras-chave: Infocracia; Democracia; Capitalismo; Comunicação.

Abstract

In the book *Infocracy: Digitalization and crisis of democracy* Byung-Chul Han identifies and describes the current information regime prevailing in society. The author elaborates a complex argument, in dialogue with contemporary authors, about how data processing and information exert an evident social, political and economic domination over human beings. Hereby, this review aims to elucidate the importance of this work for the debate inside Philosophy and Social Sciences concerning this specific phenomenon related to the era of the digitalization of life.

Keywords: Infocracy; Democracy; Capitalism; Communication.

Publicado em 2022 pela Editora Vozes, *Infocracia: digitalização e a crise da democracia* de Byung-Chul Han é a adição mais recente ao conjunto de obras do autor sobre o atual período do capitalismo da informação e da digitalização da vida. Dando continuidade às elaborações teóricas anteriores sobre as novas formas de poder e tecnologias do mundo contemporâneo, este livro explicita como esses aspectos degradam a democracia, em uma sociedade que expulsa a alteridade, tornando-se incapaz da experiência em sentido enfático (HAN, 2021b, 2022a).

No primeiro capítulo de *Infocracia*, Han inicia identificando o atual “Regime de informação”, forma de dominação em que o poder está relacionado a técnicas digitais de vigilância e comunicação com o processamento de dados por algoritmos e Inteligência Artificial. Em oposição ao regime disciplinar anterior amplamente discutido por Michel Foucault, este modo de controle seria mais eficaz por associar-se à psicopolítica neoliberal, com sujeitos submissos que acreditam ser livres. Assim, como trabalhado em outras obras do autor (HAN, 2015), ao invés da repressão, o que gera o rendimento máximo no capitalismo da informação é a exploração da liberdade.

Nesse sentido, relacionada à liberdade, a comunicação também é explorada, tornando-se vigilância. Ou seja, não há a imposição de um panóptico disciplinar, as próprias pessoas se empenham à visibilidade no presídio digital transparente do regime de informação. Contrário a esse mundo de transparência, o poder da caixa-preta algorítmica intervém no inconsciente de modo oculto aos indivíduos. Logo, essa nova forma de dominação controla o comportamento ao se apoderar das camadas pré-reflexivas e pulsionais, situadas abaixo do limiar da consciência.

Já no segundo capítulo, Han chega ao assunto principal da “Infocracia”, que seria a forma degenerada da democracia vigente no mundo atual. Além das mudanças na esfera pública democrática devido as mídias de massa descritas por Habermas, o meio digital contemporâneo proporciona uma transformação radical dessa estrutura de modo jamais visto. No regime de informação, há uma instabilidade temporal de atualidade permanente que fragmenta a própria percepção, impedindo a realização de decisões racionais e reflexivas. Dessa forma, com a racionalidade discursiva ameaçada, instaura-se uma crise democrática nesse mundo de comunicação acelerada e fragmentada.

Com esses fatores, mais uma vez destaca-se a impossibilidade da experiência, já que o tempo do silêncio e da conclusão necessários ao comportamento racional desaparecem (HAN, 2021a). Nesse contexto infocrático, a comunicação

afetiva predomina e o discurso é substituído por uma guerra de informações relacionada a meios técnicos e psicológicos. Como o autor pontua no livro, os grandes representantes da infocracia, então, são influenciadores da extrema direita como Alex Jones

¹ que demonstram rejeição à democracia e ao valor da verdade.

Dando continuidade ao segundo capítulo, a parte três discute “O fim da ação comunicativa” como consequência direta da despolitização dos usuários e do triunfo da *Filter Bubbles* (filtros-bolhas), um processamento algorítmico que limita e ressalta informações de acordo com o comportamento individual dos usuários, concebendo um “looping-do-eu” permanente. A ação comunicativa de Habermas e o discurso para Arendt reiteram a presença do outro como indispensável no exercício democrático, porém, em um mundo digital sem alteridade e resistência (HAN, 2017), a crise da democracia se revela também como uma crise comunicativa que suprime o outro e leva ao fim do discurso.

Com isso, a tendência de “atomização e a narcisização” (HAN, 2022b, p. 36) das redes promovem um ambiente cada vez mais “tribalizado” que gera um forte senso de pertencimento e identidade entre seus integrantes. As tribos digitais não dependem mais de uma racionalidade discursiva, visto que as informações deixam de ser fonte de saber e passam a adquirir um caráter identitário que rejeita todo e qualquer diálogo. Logo, o autor conclui esse capítulo destacando os perigos que a progressiva “tribalização” da sociedade pode provocar nas democracias, apontando para uma ditadura da identidade que culmina em uma guerra identitária com o fim da ação comunicativa.

O capítulo seguinte, “Racionalidade Digital”, discorre acerca da lógica algorítmica por trás do regime de informação. Os adeptos da corrente dataísta pressupõem a atrofia da ação comunicativa, uma vez que veem no *Big Data* e na Inteligência Artificial uma forma tão mais eficaz quanto otimizada pelo processo digital para a tomada de decisões. Nesse sentido, os dataístas acreditam na superioridade da racionalidade digital em detrimento da comunicativa, limitada pelo processamento humano de dados e pela ação discursiva. Com isso, acreditam em uma sociedade completamente independente da política e dos partidos, pois o processamento eficiente de dados do universo dataísta promoveria uma infocracia do

¹ Alex Jones é um influenciador popular da extrema direita estadunidense, conhecido por veicular teorias da conspiração na sua página na internet *Infowars* (HAN, 2022b).

condicionamento e do controle. De acordo com essa perspectiva, Han ressalta a substituição da lógica comunicativa pretendida pelas democracias por um controle absoluto da IA sobre a análise de dados e informações digitais; é o que o autor chama de “infocracia como pós-democracia digital”. (HAN, 2022b, p.46).

Atingimos, então, aquele que é o capítulo final da obra e que converge para uma consequência social dos tópicos apontados anteriormente: “A crise da verdade”. Aqui, Han destaca um novo niilismo do século XXI como efeito da sociedade da informação, em que as verdades factuais possuem seus sentidos esvaziados pela era das *fake news*, desinformações e teorias da conspiração. Esse novo fenômeno destrutivo é fruto da desintegração da sociedade em tribos digitais que acabam com a linguagem comum. A crise da verdade é, portanto, o resultado patológico da digitalização que abole a crença nos fatos e se desmancha em liberdade de opinião, em que mais uma vez o autor ressalta o êxito das emoções e dos afetos no discurso político como fator devastador para o sistema democrático que depende de uma temporalidade diferente daquela que prevalece no mundo digital da infocracia.

Conforme essa premissa, Han utiliza o exemplo das *fake news* não como mentiras, mas como determinantes para a perda de crença na facticidade, autoras de um universo desfactualizado e desprovido de sentido. Nesse cenário, a mentira cria uma realidade com anulação da “facticidade dos fatos” (HAN, 2022b, p.57). O fenômeno da digitalização enfraquece a consciência na realidade, que é por sua vez moldável e manipulável. A crise da verdade é também uma crise da sociedade que rui internamente sem uma veracidade em comum. Desse modo, o autor conclui que o regime democrático, visto que depende da verdade, não tolera o novo niilismo e somente a infocracia sobrevive sem verdade, mantendo uma coesão oriunda exclusivamente de relações impessoais, exteriores e econômicas.

Em tempos de crise e ascensão de forças antidemocráticas no Ocidente, Byung-Chul Han é um autor fundamental para a compreensão de aspectos importantes da contemporaneidade. O filósofo sul-coreano possui uma ampla gama de obras que buscam interpretar os fenômenos que atravessam a era hodierna e não deixa de fazer essa análise em *Infocracia*. Nesse sentido, sua interpretação soa como um alerta, para essa geração, dos perigos do fim da ação comunicativa e a pregação incessante de ódio nos meios de comunicação.

A partir disso, é importante salientar a relevância que a obra de Han possui no que concerne à interpretação dos desdobramentos políticos dos últimos anos no

cenário brasileiro. Nesse sentido, após a eleição de Jair Bolsonaro em 2018, tornou-se possível observar com maior propriedade a influência e potência que as *Filter Bubbles* adquiriram para si. Logo, a consumação dos ataques diretos à democracia do dia 8 de janeiro em Brasília pode ser considerada como uma das maiores demonstrações do efeito desse fenômeno que é discutido pelo autor.

Em relação ao livro de forma geral, critica-se o uso de termos como “tribalização” para caracterizar as transformações de comportamento dos sujeitos com a digitalização do mundo. Como afirma Cesarino (2022), essa ideia consiste em um tipo de orientalismo, já que o fenômeno atual não condiz com a realidade histórica dos povos tradicionais. Ou seja, os conflitos sociais e políticos identificados nesse regime de informação são exclusivamente dessa sociedade ocidental atual, marcada pelas dinâmicas do meio digital.

Outro aspecto passível de crítica é como Han apenas teoriza sobre o contexto neoliberal dessa degeneração da democracia nos primeiros capítulos do livro. Esse ponto gera diversos questionamentos, já que, em outras obras do autor (HAN, 2015), o grande fio condutor para compreender as novas técnicas de controle do mundo digital é o neoliberalismo. Entretanto, em *Infocracia*, a reflexão sobre os efeitos dessa nova fase do capitalismo desaparece rapidamente para a realização de discussões mais filosóficas sobre o fim da ação comunicativa e a crise da verdade. Assim, esse ponto é um potencial problema teórico no livro, pois o próprio fenômeno do novo nihilismo identificado por Han se relaciona também à lógica neoliberal (BROWN, 2019).

Ademais, Han deve ser entendido não como único desbravador dessa discussão, sabendo que se trata de um assunto de grande importância na atualidade. Diante disso, é preciso enriquecer o tópico através de contribuições que valorizem o enfoque do Sul global nesse segmento – como demonstram algumas perspectivas, a infocracia também obedece à lógica da colonialidade (SILVEIRA et al., 2021). Isso contribuiria para abrir novos horizontes de compreensão e, quem sabe, de indicações para a superação desse problema econômico, político e social.

Referências

BROWN, Wendy. **Nas ruínas do neoliberalismo**: a ascensão política antidemocrática no ocidente. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2019.

CESARINO, Letícia. **O mundo ao avesso** – verdade e política na era digital. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica**. Lisboa: Relógio D’Água Editores, 2015.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.

HAN, Byung-Chul. **Favor fechar os olhos**: em busca de um outro tempo. Petrópolis: Editora Vozes, 2021a.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade paliativa**: a dor hoje. Petrópolis: Editora Vozes, 2021b.

HAN, Byung-Chul. **A expulsão do outro**: sociedade, percepção e comunicação hoje. Petrópolis: Editora Vozes, 2022a.

HAN, Byung-Chul. **Infocracia**: digitalização e a crise da democracia. Petrópolis: Editora Vozes, 2022b.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da; SOUZA, Joyce; CASSINO, João Francisco (org.). **Colonialismo de dados**: como opera a trincheira algorítmica na guerra neoliberal. São Paulo: Autonomia literária, 2021.